

Apresentação

*Mário Chagas**

Ao longo da vida somos estimulados a lidar com variadas formas de expressões ritualizadas, muitas delas criadas antes de nossa primeira passagem pela estreita vereda. Desde muito cedo aprendemos a nos banhar nos rituais socialmente construídos e, logo adiante, vamos criando e constituindo os nossos próprios rituais, os nossos ritos e ritmos pessoais que também trazem as marcas do tempo e do espaço em que vivemos e nos desdobramos.

Os rituais, como práticas socioculturais, não são apenas construções individuais ou coletivas, são também espaços e práticas construtoras. Eles também nos constituem e cortam os nossos corpos, produzem cicatrizes leves e cicatrizes profundas, deixam em nós as marcas dos seus dentes. Por isso mesmo é tão estreita a relação entre os rituais e as formas de expressão da memória social, entre os rituais e os jogos de cantoria e silêncio, de esquecimento, de resistência e de poder. Por isso mesmo eles mobilizam muitas energias.

Os rituais também são formas de controle, mas apenas uma perspectiva reducionista limitaria as suas dinâmicas tão-somente ao desejo de controle, uma vez que eles também podem provocar experiências de criatividade, de sonho, de deslumbramento, de empatia, de realização, de alegria, de descobrimento. Os rituais são complexos e por isso mesmo têm a possibilidade de criar estrias, de arranhar e produzir quelóides na pele apenas aparentemente lisa dos corpos materiais e imateriais.

O nascimento de um número dos Cadernos do CEOM dedicado inteiramente à paisagem da memória social é um acontecimento singular. Um acontecimento que guarda em suas dobras e em suas linhas de forças a explosiva semente do novo e

* Museólogo, doutor em Ciências Sociais (UERJ), professor adjunto do Programa de Mestrado em Memória Social e Documento (UNIRIO) e pesquisador do IPHAN.

da vida, um acontecimento que testemunha e atualiza a potência desse campo de estudos no corpo das ciências sociais e humanas. E por tudo isso ele merece ser devidamente ritualizado.

A “Apresentação” aqui desenhada quer cumprir essa função ritual, quer apresentar as marcas impressas, como tatuagens textuais e gráficas, no corpo dos Cadernos do CEOM; quer ser uma das possíveis portas (ou janelas) de entrada (ou saída) para a paisagem de memória que se constrói com múltiplos olhares. Mas, para isso, é preciso que os outros participantes desse ritual aceitem o desafio de abrir e atravessar as portas e janelas, aceitem o desafio de olhar a partir do lugar em que se encontram para essas paisagens que se constroem em relações que são, em um só tempo, subjetivas e objetivas.

Os Cadernos do CEOM estão aqui diante do nosso olhar presente e nos convidam ao exercício da leitura e da escritura de histórias. Eles querem nos pegar pelas mãos e nos apresentar à paisagem da memória social, campo de pendenga e peleja, composto por narrativas individuais e experiências sociais, por festas religiosas e tensões entre o sagrado e o profano, por reminiscências de batalhas e guerras, por vestígios bem concretos e materiais, como chapéus, por exemplo, que ancoram significados nômades, por lembranças líquidas e lembranças de seca, por recordações de trabalhadores rurais e urbanos, por olhares de mulheres e homens, por sobrevivências e vivências étnicas que emergem do fundo de um tempo que se considerava perdido, por traços e rastros, como uma carta, por exemplo, que testemunham as andanças de famílias de imigrantes e os movimentos migratórios internos.

Os Cadernos do CEOM – repita-se – querem nos pegar pelas mãos, pelas nossas mãos que seguram e abrem as portas dos Cadernos, querem nos levar a um determinado conhecimento da memória organizacional, das relações da memória social com a telenovela, com a cultura material, com a constituição da memória nacional, com a arquitetura rural do século XIX e querem ainda nos levar à experiência do acidente que anuncia, enuncia e denuncia o nascimento do poema, explosão contundente da semente do agora, do eterno agora que o poema é.

O presente e alentado número dos Cadernos do CEOM reúne: 16 artigos de fundo, resultantes de qualificados trabalhos de pesquisa no campo das ciências sociais e humanas; 3 ensaios inspirados e inspiradores; 3 resenhas de livros recentemente publicados e que trazem questões relevantes para os estudos contemporâneos.

As resenhas elaboradas por Ana Maria Marques, Rita Amaral e Sônia Ranincheski tratam, respectivamente, da descrição e do exame crítico das obras: "A euforia perpétua: ensaio sobre o dever da felicidade", de Pascal Bruckner, "Com a bandeira de Oxalá: trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na grande Florianópolis", de Cristiana Tramonte, e "La legitimación social de la pobreza", de Antonio Morell.

O ensaio de Valdir Prigol apresenta e examina uma mini-antologia de poemas que fotografam com "voz ficcional" o instantâneo do seu próprio acidente de nascimento, delta de tempo em que os poetas "expõem a maquinaria de suas oficinas". O ensaio de Martin Norberto Dreher toma como ponto de reflexão uma carta trocada entre familiares que reúnem a dupla condição de migrantes e imigrantes. Nesse ensaio, a carta também é um instantâneo. Como diz Dreher, as "cartas informam sobre o nascimento de novas gerações", "falam da saudade" e "podem conter fotografias".

Os artigos de fundo utilizam outras linguagens e outros recortes temáticos. Ana Mágnia Silva Couto aborda questões acerca do uso de fontes orais na produção da pesquisa histórica, tendo como sujeitos de narração "homens, mulheres, crianças, adolescentes e velhos" que sobrevivem como "catadores de papel", na cidade de Uberlândia (MG). A sua pesquisa ilumina as paisagens de uma cidade bem concreta que se oculta e se revela nos olhares, nas falas, nos gestos e na luta cotidiana desses trabalhadores urbanos.

Caminhando por outras regiões mineiras, a pesquisa de Andréia Paiva debruça-se sobre a relação: memória coletiva, identidade social e espaço rural na comunidade de Buraco Escuro (MG) e toma como foco de sua análise relatos orais de praticantes da festa ritual de Nossa Senhora do Rosário.

Peregrinando por outros sertões, Antônio Fernando de Araújo Sá examina as pelejas e “batalhas simbólicas em torno das comemorações dos centenários da Guerra de Canudos (1993-1997)” e a partir desse exame discute os “usos da memória na sociedade brasileira contemporânea” e “suas interações com a constituição da identidade nacional”.

Abrindo portas e janelas para um diálogo produtivo com as questões de interesse histórico e social da América Latina, Antonio Luiz Macêdo e Silva Filho, a partir de fragmentos do filme argentino, constrói um texto que examina “algumas relações entre história, memória e passado”, destacando as lutas e as pressões dos esquecimentos e das lembranças interessadas. Nessa paisagem, o desafio que se coloca para o pesquisador é “tomar a memória como objeto de conhecimento e assumir uma postura ética para com o passado” e com as diferentes dobras do tempo.

Descobrimo um sertão num artefato cultural, Lúcia Arrais Morales é fisgada pela poética do chapéu de couro e constrói uma espécie de antropologia do objeto e examina os seus nômades significados. Por essas veredas, ela mostra como os variados sentidos do chapéu de couro “articulam uma noção de pertencimento a uma região do país: o Nordeste” e restituem “fios de uma memória” que entrecem diferentes tempos históricos.

Com uma escrita instigante, composta de múltiplos atos e ritmos que se dobram e desdobram sobre si mesmos, Eugenia Allier Montaño focaliza a sua lupa na história individual de Sara e Simon, mãe e filho respectivamente, afastados do convívio mútuo durante o período de ditadura militar que marcou as histórias nacionais de dois países do Cone Sul (Uruguai e Argentina). A partir desse tecido histórico e social, a pesquisadora examina com sensibilidade “o problema da verdade na escrita da história do tempo presente”.

Tomando como fonte de pesquisa depoimentos presentes num documentário videográfico denominado “Los vecinos del horror: los otros testigos”, produzido na Argentina, em 1996, que registra os testemunhos dos moradores que habitavam, durante o período da ditadura militar, nos bairros onde funcionavam centros

clandestinos de detenção e tortura, Florencia Paula Levín constrói com clareza e exemplar segurança metodológica um quadro tenso dos problemas éticos que envolvem responsabilidades individuais e coletivas, tanto em relação à última ditadura e suas conseqüências, quanto em relação à circulação da memória coletiva sobre esse passado ditatorial e de horror.

Navegando num outro ser tão interior, Francisco Régis Lopes Ramos, como um barqueiro do velho Chico, pergunta: “Com quantas memórias se faz o sagrado?” e como quem quer e não quer responder ele trata da “imbricação entre sagrado e profano na constituição do espaço de Juazeiro”, “da circulação de memórias” e das múltiplas narrativas sobre a “Nova Jerusalém”.

Pausa e continuidade. Som e silêncio. Lembrança e esquecimento. Chuva e seca. “Aproveitamos a pausa do aguaceiro para dar início à entrevista. Acomodamo-nos na cama, ao centro do primeiro cômodo, e pude então ligar o gravador.” A narrativa etnográfica de Kênia Sousa Rios, mesclando a sua voz com a voz do outro, exige leitura atenta e evidencia que a memória da seca no Ceará está, pelo sentido de outras correntezas, aliançada com a memória das águas.

Depois de se molhar nas memórias da seca do Ceará, o praticante do ritual de leitura dos Cadernos do CEOM poderá acompanhar Manoela Pedroza pelos caminhos e descaminhos da memória social dos trabalhadores rurais no estado do Rio de Janeiro, no período da Primeira República, e poderá também, ao lado de Márcia Maria Menéndez Motta, participar do debate sobre a história, sobre o processo de construção e produção de memórias e esquecimentos.

Estudos sobre memória organizacional não têm, infelizmente, habitado com bastante freqüência as páginas dos periódicos brasileiros especializados no campo da memória social. Assim, em boa hora, os Cadernos do CEOM incluem, nesta edição, um notável e original artigo, elaborado por Marinina Gruska Benevides, focalizando o problema da memória no “universo das organizações de trabalho”. Oxalá outros pesquisadores brasileiros se interessem pelo desenvolvimento de novas abordagens e pela lavra desse terreno.

Tratando das relações entre os meios de comunicação de massa e os processos de construção da memória social, Roberta Manuela Barros de Andrade examina “um dos produtos culturais de maior sucesso na história da televisão brasileira – as telenovelas”, compreendendo-os como lugares de narração e de instituição de uma memória social.

Estudando algumas condicionantes da formação da memória nacional, Rodrigo Aldeia Duarte concentra a sua atenção na interação entre “memória social e materialidade”, tendo como objeto privilegiado de análise “a produção e as estratégias de memória de dois grupos literários inseridos no contexto do modernismo brasileiro”.

A imbricação entre a materialidade e a imaterialidade a partir do espaço arquitetônico – tomado como representação de valores, de hábitos, de relações sociais e de poder – está presente no trabalho analítico de Sandra Pelegrini, que adota a arquitetura do século XIX e, mais especificamente, o casarão da Fazenda do Pinhal, no município de Rio Claro (SP), como caso de estudo.

Finalmente, merece destaque e especial atenção “o processo de emergência étnica” dos Aranã, examinado no artigo de Vanessa Caldeira. Como esclarece a pesquisadora, “a inserção dos Aranã no movimento indígena e sua busca pela identificação étnica é recente”, data do final da década de 1990 e tem estreita relação com o convívio estabelecido com “um grupo familiar da etnia Pankararu, originário de Pernambuco”. Amizades, parcerias, trocas, mutirões, solidariedade, todo esse patrimônio cultural parece ter sido fundamental para despertar nos Aranã o direito à memória ancestral e à memória do futuro. O “processo de emergência étnica” dos Aranã, se a pesquisadora Vanessa Caldeira me permite, sugere a idéia de um novo ritual de passagem, um ritual que celebra no coletivo a explosão da semente do agora e permite, ao mesmo tempo, a reinvenção do passado e do futuro.

Como se vê, essa alentada publicação dos Cadernos do CEOM cobre um espectro bastante amplo de temas na paisagem da memória social. Autores variados, vinculados a diferentes

programas de pesquisa, com olhares, orientações, formações e interesses também diferenciados, situados em diferentes lugares do Brasil e da América Latina, contribuíram para a composição desse número especial, que, em minha perspectiva, é seminal. De minha parte, estou contente por ter podido contribuir para a celebração desse ritual de nascimento, cujo corpo e cuja continuidade estão agora em suas mãos.